

Etnobotânica no Rio Grande do Norte: revisão sistemática dos estudos

Mariana Ferreira Lima Dias¹

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Lucas Emanuel Marinheiro de Oliveira²

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Ramiro Gustavo Valera Camacho³

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Diego Nathan do Nascimento Souza⁴

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

RESUMO

A etnobotânica, área que estuda a relação entre pessoas e o conhecimento sobre as plantas, é uma ciência que valoriza os saberes tradicionais das comunidades, frequentemente invisibilizados. No estado do Rio Grande do Norte, observam-se oportunidades de pesquisa a serem exploradas, especialmente diante de comunidades tradicionais existentes no estado e dos conflitos socioambientais enfrentados por essas comunidades. Dessa forma, este estudo objetiva avaliar os levantamentos etnobotânicos realizados no Rio Grande do Norte. A análise foi conduzida por meio de uma revisão bibliográfica com abordagem quali-quantitativa, avaliando a quantidade e qualidade das produções à luz dos rigores metodológicos adotados. Foram identificados trinta estudos, número ainda reduzido em comparação a outros estados, além de apresentarem limitações metodológicas. As pesquisas concentram-se em comunidades urbanas e rurais, com heterogeneidade entre os municípios e foco predominante em usos medicinais. A pesquisa enriqueceu debates etnobotânicos no estado e aponta caminhos para futuras investigações.

¹ Graduação em Ciências Biológicas (Bacharelado) pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Atualmente é Bolsista CNPq pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Mossoró, Rio Grande do Norte, Brasil. **ORCID:** <https://orcid.org/0009-0000-9674-0270>.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2279478017589450>. **E-mail:** marianadias09@gmail.com.

² Graduação em Ciências Biológicas (Licenciatura) pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Atualmente é Bolsista Capes e Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Naturais (PPGCN) na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Mossoró, Rio Grande do Norte, Brasil. **ORCID:** <https://orcid.org/0009-0008-3241-5637>.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9665280570975265>. **E-mail:** oliveira.l.m.e.bio@gmail.com

³ Graduação em Engenharia Agrônoma pela Escola Superior de Agricultura de Mossoró (ESAM), atual Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UEFERSA), Mestrado em Agronomia/Fitotecnia pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UEFERSA) e Doutorado em Ciências (Área de concentração Botânica) pelo Instituto de Biociências (IB), da Universidade de São Paulo (USP). Atualmente é Professor Adjunto do Departamento de Ciências Biológicas na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Mossoró, Rio Grande do Norte, Brasil. **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0003-3139-0067>. **Lattes:** <http://lattes.cnpq.br/1079760233135463>. **E-mail:** ramirogustavo@uern.br

⁴ Graduação em Ciências Biológicas (Licenciatura) pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Mestrado em Botânica Doutorado em Botânica pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Atualmente é Professor Adjunto do Departamento de Ciências Biológicas na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Mossoró, Rio Grande do Norte, Brasil. **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0002-6020-1248>. **Lattes:** <http://lattes.cnpq.br/5514803741124706>. **E-mail:** diegosouza@uern.br.

Palavras-chave: Conhecimento Tradicional; Etnobiologia; Levantamento Bibliográfico; Uso De Plantas.

Ethnobotany in Rio Grande do Norte: a systematic review of studies

ABSTRACT

Ethnobotany, an area that studies the relationship between people and knowledge about plants, is a science that values the traditional knowledge of communities, which are often made invisible. In the state of Rio Grande do Norte, there are research opportunities to be explored, especially in the face of traditional communities existing in the state and the socio-environmental conflicts faced by these communities. Thus, this study aims to evaluate the ethnobotanical surveys carried out in Rio Grande do Norte. The analysis was conducted through a literature review with a qualitative-quantitative approach, evaluating the quantity and quality of the productions in the light of the methodological rigors adopted. Thirty studies were identified, a number that is still small in comparison with other states, in addition to presenting methodological limitations. Research focuses on urban and rural communities, with heterogeneity between municipalities and a predominant focus on medicinal uses. The research enriched ethnobotanical debates in the state and points out paths for future investigations.

Keywords: Traditional Knowledge; Ethnobiology; Bibliographic Survey; Use of plants.

Etnobotánica en Rio Grande do Norte: una revisión sistemática de estudios

RESUMEN

La etnobotánica, un área que estudia la relación entre las personas y el conocimiento sobre las plantas, es una ciencia que valora el conocimiento tradicional de las comunidades, que a menudo se invisibilizan. En el estado de Rio Grande do Norte, hay oportunidades de investigación por explorar, especialmente frente a las comunidades tradicionales existentes en el estado y los conflictos socioambientales que enfrentan estas comunidades. Así, este estudio tiene como objetivo evaluar los estudios etnobotánicos realizados en Rio Grande do Norte. El análisis se realizó a través de una revisión de la literatura con enfoque cualitativo-cuantitativo, evaluando la cantidad y calidad de las producciones a la luz de los rigores metodológicos adoptados. Se identificaron treinta estudios, un número que aún es pequeño en comparación con otros estados, además de presentar limitaciones metodológicas. La investigación se centra en las comunidades urbanas y rurales, con heterogeneidad entre municipios y un enfoque predominante en los usos medicinales. La investigación enriqueció los debates etnobotánicos en el estado y señala caminos para futuras investigaciones.

Palabras clave: Conocimientos tradicionales; Etnobiología; Encuesta bibliográfica; Uso de plantas.

INTRODUÇÃO

Estudar as inter-relações entre um povo e os recursos vegetais cabe a Etnobotânica, de maneira que, essa linha de pesquisa busca investigar o saber tradicional a respeito das plantas. Uma vez que é demonstrado que a diversidade cultural está ligada à diversidade biológica, e ameaças a uma comprometem a outra (CANTALICE et al., 2024). Assim, esse conhecimento é utilizado para beneficiar a própria população local e se destaca como uma ciência promissora para analisar a sustentabilidade dos recursos naturais (ALBUQUERQUE, 2010).

Diferentes grupos sociais são investigados por essa ciência, como comunidades rurais, tradicionais e urbanas, todas com papéis relevantes na conservação da biodiversidade. De tal

maneira, a etnobotânica também promove o fortalecimento de vínculos entre pesquisadores e comunidades. Em que, é visto que diversos autores defendem que ações de conservação devem integrar o conhecimento e as práticas tradicionais com os avanços da ciência moderna, visando à manutenção, proteção e restauração dos ecossistemas naturais (SILVA, 2013).

Além disso, estudos etnobotânicos podem subsidiar dados para diferentes áreas, já que os saberes tradicionais se mostram fundamentais, por exemplo, na investigação da fenologia de espécies vegetais (NETO et al., 2013), visto que essas mudanças têm sido reconhecidas precisamente por intermédio dos conhecimentos locais (PEDROSA et al., 2019). Isso é particularmente relevante em contextos como da Caatinga, onde a intensa sazonalidade climática provoca alterações significativas na vegetação ao longo das estações do ano, especialmente entre os intervalos de chuva e seca (FONSECA et al., 2018).

Tais dados também são essenciais para expandir o conhecimento sobre a biodiversidade regional, pois, por meio desses levantamentos, permite-se identificar e documentar a ocorrência de uma maior variedade de espécies vegetais em determinadas regiões utilizadas pelas comunidades locais. Crepaldi et al. (2016) revelam que encontraram uma riqueza significativa de Euphorbiaceae, contribuindo para o aumento do conhecimento da biodiversidade, acrescentando 22 novas ocorrências, em uma área protegida com importante riqueza biológica na região semiárida do nordeste do Brasil (CREPALDI et al., 2016).

O desenvolvimento de pesquisas etnobotânicas se mostra ainda mais relevante diante da constatação de que o conhecimento tradicional vem se perdendo ao longo do tempo. Estudos indicam que, por ser predominantemente transmitido oralmente, esse saber tem se enfraquecido, especialmente entre as gerações mais jovens (SILVA et al., 2011). Documentar esse conhecimento no Rio Grande do Norte é primordial, já que o estado ainda não apresenta comunidades indígenas reconhecidas (IBGE, 2024).

Segundo dados do Censo Demográfico de 2022, por autodeclaração de cor e raça, o estado abriga 11.724 pessoas indígenas e 22.371 pessoas quilombolas, sendo que 1.327 indígenas e 550 quilombolas residem em Unidades de Conservação (IBGE, 2024; IBGE, 2025a; IBGE, 2025b). É fundamental, portanto, traçar planos e estratégias que garantam a autonomia dessas comunidades sobre o uso dos recursos naturais e atendam às suas principais demandas (SANTORO et al., 2024). Ainda por cima, quando existem desafios e pressões que ameaçam os modos de vida e o conhecimento tradicional dessas populações no estado.

O desenvolvimento de empreendimentos em outras áreas, principalmente de fontes renováveis, tem gerado novos conflitos socioambientais. Embora as empresas responsáveis por essas instalações adotem um discurso que enfatiza os benefícios à comunidade, como a geração de emprego e renda, os impactos sobre a biodiversidade têm sido predominantemente negativos tanto para as pessoas devido a territorialização dessas instalações em seus espaços (LIMA, 2024a), quanto para as plantas e animais (COSTA et al., 2019). Como se tais fatores já não fossem suficientes, observa-se atualmente um cenário de intensa supressão da vegetação, como observado na Caatinga, bioma que cobre grande parte do território do potiguar.

Esse desmatamento tem atingido proporções alarmantes segundo o Relatório Anual do Desmatamento no Brasil de 2024 (RAD), na qual a Caatinga foi o bioma com maior aumento percentual de desmatamento, registrando um crescimento de aproximadamente 100% em

relação ao ano anterior, quando o Cerrado liderava esse indicador. No recorte específico do Rio Grande do Norte, já foram desmatados 6.130 hectares, sendo a agricultura e os empreendimentos de energia renovável os principais vetores desse processo (MAPBIOMAS, 2025).

Nesse contexto, valorizar o conhecimento de espécies utilizadas pelas comunidades torna-se urgente, sobretudo, diante do cenário de mudanças climáticas. Especialistas já preveem a intensificação de processos de desertificação e aumento da vulnerabilidade socioambiental em regiões como o Nordeste brasileiro (TAMAIÓ, 2013). Esse processo é agravado pela exploração excessiva de recursos naturais, ocorrência de incêndios florestais e uso intensivo do solo sem manejo adequado (LACERDA et al., 2022).

Diante disso, esta pesquisa teve como objetivo identificar os levantamentos etnobotânicos realizados no estado do Rio Grande do Norte e analisar como esses estudos têm sido conduzidos. O estudo propôs destacar áreas ainda não investigadas, bem como apontar tendências quanto às comunidades estudadas, aos procedimentos de coleta e análise de dados e aos resultados obtidos.

METODOLOGIA

Os dados etnobotânicos foram obtidos por meio de uma revisão bibliográfica sistemática (PAGE, 2022), com base em trabalhos localizados nas plataformas de dados online SciELO, Periódicos CAPES, Web of Science, Scopus e em outras fontes de pesquisa como, por exemplo, o Research Rabbit. Utilizaram-se palavras-chave como “Etnobotânica”, “Uso de Plantas”, “Recursos Florestais”, “Semiárido” e “Conhecimento Tradicional”, em português e inglês, combinadas com operadores booleanos AND e OR. A janela temporal adotada incluiu publicações dos últimos vinte anos. Após a busca nas bases de dados, foram selecionados apenas os trabalhos referentes ao estado do Rio Grande do Norte. O material selecionado passou por uma análise qualitativa, considerando variáveis apresentadas na Quadro 1.

Quadro 1 – Critérios de avaliação qualitativa de trabalhos etnobotânicos.

Critérios para análise	Descrição dos objetivos dos critérios
Ano e tipo de Publicação	Verificar quando foi publicado o estudo e o tipo de documento (monografia, dissertação, tese, artigo, livro).
Área de estudo	Verificar se o local onde o estudo foi realizado está bem caracterizado e definido, incluindo informações sobre o município, local de coleta e coordenadas geográficas.
Tipo de comunidade	Verificar a descrição da comunidade estudada e sua classificação (rural, urbana ou tradicional: indígena e/ou quilombola).
Coleta e análise de dados	Verificar se os dados coletados sobre as plantas foram incluídos em uma lista florística, se as espécies foram adequadamente amostradas, com registro e depósito de material testemunho em herbários , e se há informações sobre os métodos de identificação. Verificar também se no trabalho ocorre alguma análise quantitativa e se a descrição na metodologia está clara.
Partes utilizadas	Verificar se as partes utilizadas de cada planta estão bem descritas e amostradas na lista florística.

Tipo de uso	Verificar se cada planta utilizada possui um uso correspondente amostrado na lista florística, e se os usos considerados no estudo estão bem detalhados.
Práticas de obtenção e manejo	Verificar se os trabalhos detalham como ocorre a aquisição, e se realizam a propagação e conservação das plantas utilizadas.

Fonte: Elaborado pelos autores, 2025.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Caracterização geral da pesquisa etnobotânica no Rio Grande do Norte

A busca nas fontes de pesquisa resultou em trinta trabalhos publicados entre os anos de 2009 e 2025. Observou-se que os anos de 2023 e 2021 concentraram o maior número de estudos etnobotânicos realizados no estado (Figura 1). A maioria dessas publicações corresponde a artigos científicos (27) veiculados em periódicos acadêmicos. Além disso, foram identificados duas dissertações e um trabalho de conclusão de curso.

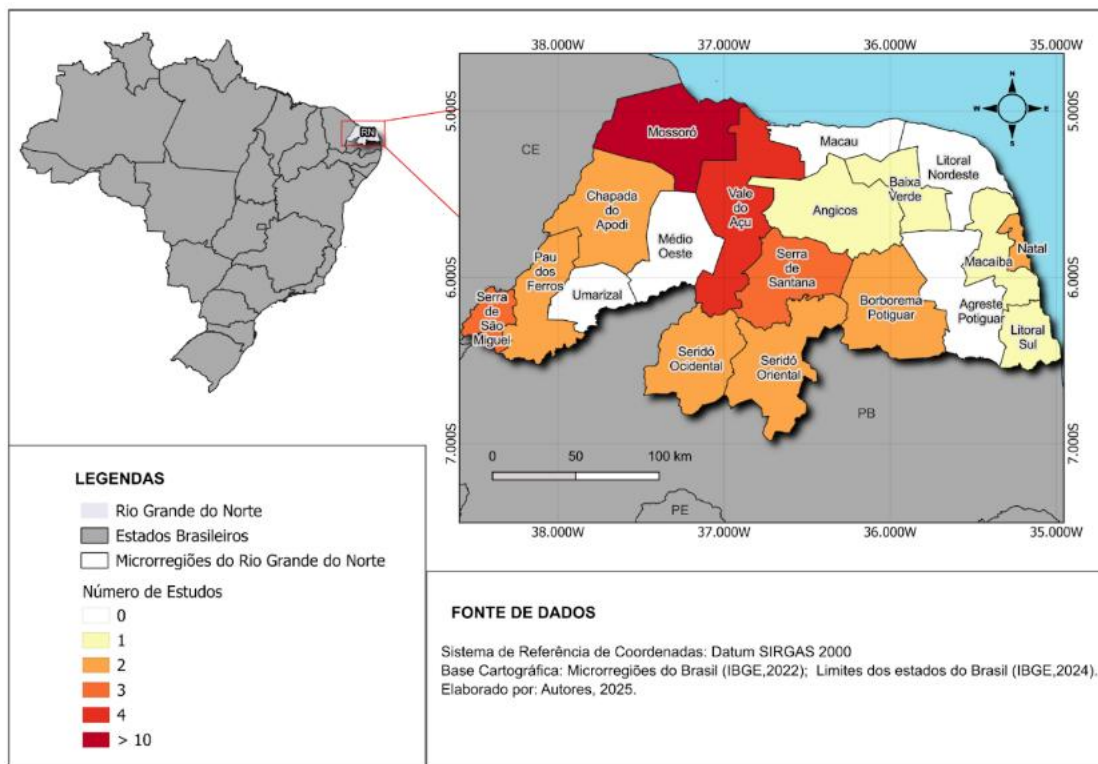
Figura 1 – Número de estudos etnobotânicos encontrados por ano de publicação.



Fonte: Elaborado pelos autores, 2025.

Os levantamentos etnobotânicos vêm sendo conduzidos em diversas regiões do Rio Grande do Norte, com destaque para a microrregião de Mossoró, que concentra o maior número de estudos, seguida pela microrregião do Vale do Açu (Figura 2). Esse resultado pode ser justificado pelo fato de que, embora a microrregião de Mossoró abranja apenas seis municípios, conforme a Federação dos Municípios do Rio Grande do Norte (FEMURN, 2022), a maioria dos estudos foi realizado especificamente no município de Mossoró, doze dos treze registros encontrados referem-se exclusivamente a essa cidade. Em que, os pesquisadores responsáveis pelos estudos são vinculados universidades localizadas no próprio município, de maneira que esse vínculo institucional pode ter contribuído para o aumento do interesse em realizar pesquisas na região.

Figura 2 – Mapa de distribuição dos estudos etnobotânicos por microrregião no território do Rio Grande do Norte.



Fonte: Elaborado pelos autores, 2025.

Esse cenário revela que, embora quase todas as microrregiões do estado apresentem ao menos um estudo etnobotânico, o número total de pesquisas ainda é relativamente reduzido ao considerar que outros estados, como o Piauí que conta com cerca de 155 artigos científicos na área da etnobotânica (SANTOS et al., 2024a). Evidencia-se, também, uma forte concentração geográfica da produção científica, especialmente em Mossoró, a segunda maior cidade dessa unidade federativa, o que reforça a necessidade de expandir os estudos para outras regiões do estado, a fim de construir um panorama etnobotânico mais homogêneo e representativo do Rio Grande do Norte.

As áreas de estudos encontram-se relativamente bem caracterizadas, considerando que a maioria dos trabalhos inclui ao menos uma das seguintes informações: município, local de coleta ou coordenadas geográficas. Quando informadas, as coordenadas geográficas estão geralmente associadas ao local de coleta. No entanto, foi identificado que três estudos apresentaram incongruências, com coordenadas que não correspondem corretamente à localização descrita, indicando municípios e até estados distintos daquele onde o estudo foi efetivamente realizado.

A ausência de uma precisão de dados compromete a validade das análises comparativas e a contextualização dos resultados (ALBUQUERQUE et al., 2022). Nesse sentido, protocolos metodológicos padronizados são fundamentais para permitir a comparação de dados entre diferentes regiões e a generalização dos achados, contribuindo para o avanço do conhecimento sobre a complexa relação entre pessoas e plantas por meio da acumulação de informações em

escala global (ALBUQUERQUE et al., 2022). Além disso, dados bem localizados das coletas em trabalhos etnobotânicos também podem embasar outros trabalhos científicos de várias áreas, como biogeografia, ecologia, taxonomia, farmacologia, genética, entre outras.

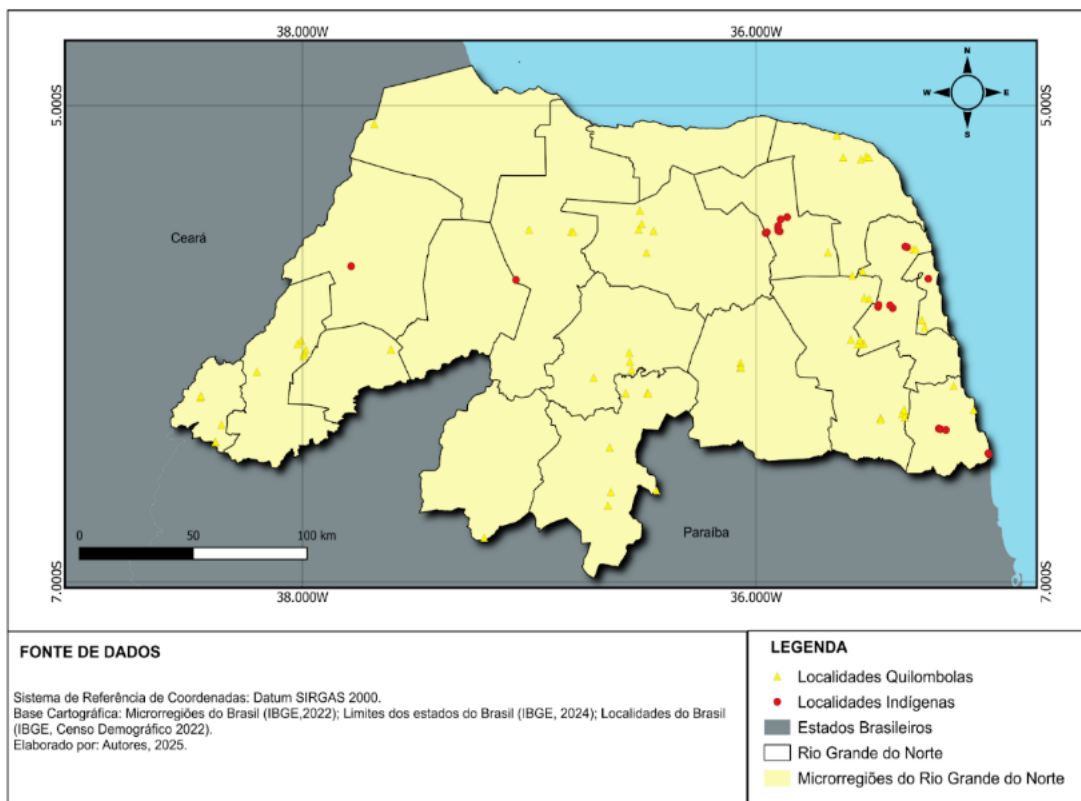
Fora isso, observou-se que a maioria das pesquisas (90%) foi realizada em áreas pertencentes ao domínio fitogeográfico da Caatinga. Diferentemente, ao considerar o cenário nacional, observa-se um padrão oposto: o bioma Mata Atlântica é o mais estudado no campo da etnobotânica (SGANZERLA et al., 2021). Esse resultado pode ser explicado pela configuração do território estadual, composto exclusivamente pelos biomas Caatinga e Mata Atlântica. Enquanto a Caatinga ocupa uma extensa área de 50.773 km², abrangendo praticamente todo o interior do estado, a Mata Atlântica está restrita a uma faixa costeira de 2.036 km², justificando sua menor representatividade nos estudos etnobotânicos (IBGE, 2019).

A Mata Atlântica Nordestina (MAN) tem recebido menor interesse em comparação a outras regiões do bioma, o que revela uma fragilidade de conhecimento tanto sobre a biodiversidade já perdida em decorrência do desmatamento quanto sobre as comunidades adjacentes que dependem desses ecossistemas para sua subsistência (BARRETO; DRUMMOND, 2015). Isso pode indicar áreas de Mata Atlântica ainda com pobreza de estudos no estado do Rio Grande do Norte, o que acarretaria oportunidades para pesquisadores, visto que autores como Liporacci et al. (2017) registraram somente um estudo desse bioma no estado.

Comunidades alvo das pesquisas

Os estudos foram realizados, em sua maioria, em comunidades rurais e urbanas. Metade dos estudos analisados foram realizados somente em comunidades rurais e 30% em comunidades urbanas. Esses resultados são semelhantes aos encontrados por Santos et al. (2024b), que, em uma revisão para o estado do Piauí, também identificaram a predominância de estudos realizados em comunidades rurais ou urbanas. 6,7% foram restritos para estudos envolvendo comunidades tradicionais, revelando uma carência significativa de investigações voltadas para esses grupos, embora o estado contemple várias comunidades distribuídas pelas microrregiões do estado (Figura 3).

Figura 3 – Mapa de distribuição de comunidades tradicionais no território do Rio Grande do Norte.



Fonte: Elaborado pelos autores, 2025.

Vale destacar que essas comunidades desempenham um papel fundamental nos estudos etnobotânicos, uma vez que não somente citam diversas espécies vegetais, mas também demonstram amplo conhecimento sobre a fenologia reprodutiva das plantas, seus métodos de cultivo e práticas de manejo e conservação (HOROKOSKI et al., 2021). Tal lacuna pode refletir tanto a necessidade de valorização do conhecimento tradicional quanto a dificuldade de acesso e a limitação de recursos para pesquisas nessas comunidades, favorecendo, assim, estudos em áreas mais acessíveis (SOUZA et al., 2019).

Embora a maioria dos estudos tenha focado exclusivamente em um tipo de comunidade, dois estudos trabalharam com mais de uma comunidade (6,7%), o de Soares et al. (2017), por exemplo, investigou simultaneamente uma comunidade urbana e duas comunidades tradicionais. Apesar de menos frequentes, estudos que contemplam múltiplos grupos socioculturais são de grande importância, ao permitirem comparar diferenças no uso e no conhecimento de plantas entre os grupos. Soares et al. (2017), observaram que tanto o conhecimento quanto o uso de plantas foram mais expressivos nas comunidades tradicionais do que na comunidade urbana.

Ainda, o estudo por sua vez contribuiu para dar visibilidade à luta das comunidades indígenas pela reivindicação de seus territórios tradicionais, tendo em vista que a comunidade pesquisada, Caboclos do Açu, luta pela homologação de suas terras (SOARES et al. 2017). Ressalta-se que, o Rio Grande do Norte é a única unidade federativa que não apresenta terras

indígenas demarcadas (IBGE, 2024), apesar do adjetivo pátrio de quem nasce no estado ser potiguar, palavra de origem tupi que significa comedor de camarão, em referência a um dos povos originários do estado, os Potiguaras.

Por fim, somente dois estudos (6,7%) apresentaram descrição insuficiente da comunidade estudada, o que impossibilitou sua adequada classificação quanto ao tipo de comunidade. Essas evidências ressaltam a importância de estruturar rigorosamente os trabalhos científicos em etnobotânica, especialmente no que diz respeito à caracterização precisa da área de estudo, da população investigada e da amostragem (ALBUQUERQUE et al., 2010, p.442).

Principais métodos de coleta e análise de dados

Os dados coletados sobre as plantas foram apresentados em 86,7% dos estudos sob a forma de listas florísticas, enquanto em 13,3% não houve apresentação em formato de lista, dado que as informações foram comentadas exclusivamente em texto ou o estudo focava apenas em uma única espécie. A divulgação da lista florística possibilita conhecer, caracterizar e comparar a estrutura taxonômica, considerando o número de espécies, as famílias mais representativas e a diversidade hierárquica amostrada (RODAL et al., 2013).

Os métodos de identificação das espécies envolveram, majoritariamente, o uso de registros fotográficos e a coleta de material botânico para posterior consulta a especialistas, utilização de aplicativos de identificação, análise por meio de literatura especializada (chaves de identificação) e consulta a repositórios de informações botânicas, além da comparação com material depositado em herbários.

Quanto ao destino do material identificado, verificou-se que 53,3% das espécies foram reconhecidas, mas não tiveram material depositado em herbário, enquanto 20% foram devidamente identificadas e tiveram amostras depositadas em coleções botânicas. Embora que em 26,7% dos estudos não há informações claras sobre os métodos de identificação empregados. Ressalta-se que a identificação precisa das espécies é imprescindível, acima de tudo, em estudos que avaliam o conhecimento sobre plantas medicinais, uma vez que tal rigor evita equívocos e assegura a correta aplicação terapêutica, considerando a variação química existente entre espécies aparentadas (SILVA et al., 2015a).

Segundo Ferreira et al. (2020), esse nível de precisão depende da coleta adequada do material botânico e de sua análise científica, sendo essencial o depósito dos espécimes em herbários, medida que contribui para evitar erros associados ao uso exclusivo de nomes vernaculares e assegura a confiabilidade das informações registradas. Dessa maneira, a correta identificação também é relevante em estudos que investigam plantas utilizadas por comunidades locais e que apresentam valor real ou potencial de uso para a sociedade, garantindo o reconhecimento e os direitos dessas comunidades sobre eventuais patentes associadas.

Essa questão torna-se ainda mais pertinente diante da recente adesão do Brasil ao Tratado sobre Propriedade Intelectual, Recursos Genéticos e Conhecimentos Tradicionais Associados, que busca facilitar a inclusão das comunidades tradicionais na repartição dos benefícios econômicos derivados de patentes baseadas em seus saberes e práticas culturais (MMA, 2024). Nesse contexto, torna-se fundamental evitar erros taxonômicos, visto que o

tratado prevê a criação de bancos de dados com registros de recursos genéticos e conhecimentos tradicionais relacionados, reforçando a necessidade de identificação precisa e documentação adequada (ALLEVATO; MONTOVANI, 2024).

Ao analisar os estudos quanto à aplicação de métodos quantitativos, observou-se que 60% realizaram esse tipo de análise, enquanto 40% não a empregaram. Dentre os estudos que utilizaram abordagens quantitativas, o índice mais frequentemente adotado foi o Valor de Uso (VU). A aplicação de múltiplos métodos quantitativos permite aos pesquisadores compararem resultados e validar descobertas entre diferentes comunidades ou regiões, evidenciando variações no uso e no conhecimento das plantas.

Essa abordagem contribui para uma compreensão mais abrangente das práticas etnobotânicas, como demonstrado por Nunes et al. (2022), que identificaram correspondência entre as espécies mais relevantes a partir dos diferentes índices aplicados. Por outro lado, embora as análises quantitativas sejam ferramentas válidas, cabe ao pesquisador selecionar criteriosamente o método mais adequado aos objetivos de seu estudo. Isso porque quantificar o conhecimento tradicional não é tarefa simples, dado que ele envolve múltiplas dimensões e contextos socioculturais diferentes (SILVA et al., 2010).

Usos e práticas relatados

Quanto às estruturas vegetais utilizadas nos estudos, 60% mencionam as partes da planta empregadas, entre as quais estão: raiz, folhas, caule, látex, flor, fruto, semente e, em alguns casos, a planta inteira. Embora essas práticas envolvam diversas partes, a escolha pode variar conforme a disponibilidade sazonal e a facilidade de acesso para coleta, fazendo com que algumas estruturas se destaquem mais do que outras. As folhas são frequentemente utilizadas em práticas etnobotânicas devido à concentração de princípios ativos, fácil acesso e coleta, o que favorece seu uso cotidiano (DURÃO et al., 2021; SILVEIRA et al., 2022).

Contudo, no semiárido, a casca do caule se destaca como uma das partes mais utilizadas, em função de sua disponibilidade e facilidade de extração, sendo frequentemente indicada em listas de plantas medicinais como parte empregada principalmente para fins terapêuticos (ALBUQUERQUE et al., 2020). Essa preferência é corroborada por Barbosa et al. (2020), que identificaram, na comunidade de Tapera, a casca como a parte mais utilizada, atribuída à crença local de que cascas de árvores adultas possuem maior concentração de propriedades medicinais.

Apesar da relevância dessas informações, 40% dos estudos analisados não especificam as partes das plantas utilizadas. Essa falta de informação compromete a documentação adequada e o detalhamento das práticas tradicionais observadas nas comunidades estudadas. Jacob et al. (2022) também identificaram essa lacuna em sua revisão, apontando a escassez de dados sobre técnicas de processamento e a imprecisão no registro das estruturas vegetais utilizadas, o que dificultou o alcance de um dos objetivos propostos em seu trabalho.

Quanto aos usos reportados, 53,3% são exclusivamente medicinais, enquanto 46,7% abrangem usos diversos além dos medicinais, incluindo alimentícios, madeireiros, artesanais, forrageiros, melíferos, veterinários, ornamentais e místico-religiosos. A predominância dos usos medicinais pode ser explicada pelo fato de que essa é uma prática com maior compartilhamento de conhecimento entre as pessoas, em comparação com outros usos.

Isso se deve à facilidade de cultivo dessas plantas em residências, facilitando o contato e o acesso (SILVA et al., 2015b), além de seu baixo custo, reduzidos efeitos colaterais e relevância como alternativa terapêutica (BORGES et al., 2020). Além disso, essa preferência está relacionada a hábitos culturais transmitidos entre gerações, sobretudo em contextos em que o acesso a fármacos era limitado, fazendo da medicina popular a principal alternativa (BORGES et al., 2020).

A respeito de práticas de manejo adotadas, identificou-se que, na maioria das comunidades estudadas, independentemente do tipo, as plantas são cultivadas nos próprios quintais, embora também haja relatos de extração em áreas externas, embora menos frequentes. Infere-se, portanto, a associação desses levantamentos com os quintais agroflorestais, espaços de uso familiar destinados ao plantio e à criação de animais localizados próximos às residências, sejam elas rurais, periurbanas ou urbanas (SILVA et al., 2019). Nesse contexto, os quintais podem desempenhar um papel relevante na conservação de espécies, sobretudo nativas, ao reduzirem a pressão sobre os recursos naturais. Isso ocorre porque as espécies cultivadas nesses ambientes geralmente possuem uso utilitário como alimentício, medicinal ou ornamental, que também se configura como um critério relevante para sua escolha e cultivo (SANTOS et al., 2019).

Nos estudos focados em comunidades urbanas, constatou-se que, além do cultivo doméstico, há práticas como a troca de mudas entre vizinhos e a aquisição de plantas por meio do comércio local. Esse comércio, por sua vez, obtém geralmente os recursos por meio de atravessadores locais, e não de cultivos próprios. Assim como encontrado por Lima et al. (2016), em que as plantas revendidas, não cultivadas, vêm de outros locais.

As práticas de conservação e propagação identificadas nos estudos incluem estaquia, semeadura, coletas seletivas, adubação orgânica, remoção de plantas parasitas e irrigação manual. Essas ações são benéficas e essenciais para a manutenção da biodiversidade local, e sua continuidade depende diretamente do engajamento comunitário. Nesse sentido, a motivação cultural atua como um motor fundamental para garantir a preservação e a transmissão dessas práticas ao longo do tempo, contribuindo para a sustentabilidade ambiental (FREITAS et al., 2019). Esse papel das comunidades também é evidenciado no estudo de Lima et al. (2024b), no qual se observou a prática da colheita seletiva do buriti, com a preferência pela coleta de frutos caídos. Portanto, praticar tal abordagem reflete um manejo sustentável dos recursos, promovendo a conservação de espécies e a saúde do ecossistema no todo.

CONCLUSÃO

Ao analisar o panorama etnobotânico no Rio Grande do Norte, percebe-se a necessidade de incentivar o número de pesquisas no estado, especialmente no que se refere ao bioma Mata Atlântica, às comunidades tradicionais e outras microrregiões do estado. Constatou-se também que os trabalhos atualmente desenvolvidos requerem maior rigor metodológico, principalmente na caracterização adequada das áreas estudadas, a fim de evitar equívocos nas informações de localização. Recomenda-se também que as coletas botânicas sejam preferencialmente tombadas em herbários, garantindo assim a correta identificação das espécies.

Os usos de plantas estão geralmente associados à medicina tradicional, demonstrando uma prática socialmente disseminada no estado. Dessa forma, esse uso também se manifesta nas partes empregadas, já que as folhas e cascas são mais empregadas no tratamento de doenças. Adicionalmente, as espécies são cultivadas pelas próprias comunidades, embora algumas sejam adquiridas comercialmente ou na mata. Assim, os espaços residenciais contribuem para manter esse conhecimento, bem como para conservar espécies culturalmente importantes.

Esta pesquisa, portanto, foi fundamental por contribuir com o enriquecimento das discussões etnobotânicas no estado, destacando o cenário atual e apontando caminhos para o aprimoramento das futuras investigações, fortalecendo a valorização e a preservação do conhecimento tradicional e da biodiversidade local no Rio Grande do Norte. À vista disso, este estudo pretende estimular a realização de novas pesquisas e auxiliar no aprimoramento metodológico e científico da etnobotânica no estado.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, U. P. de. Etnobotânica aplicada à conservação da biodiversidade. *In*: ALBUQUERQUE, U. P. de; LUCENA, R. F. P. de; CUNHA, L. V. F. C. da (org.). **Métodos e técnicas na pesquisa etnobiológica e etnoecológica**. Recife: Nuppea, 2010. p. 559.

ALBUQUERQUE, U. P. de; BRITO, A. L. de; NASCIMENTO, A. L. B. do; OLIVEIRA, A. F. M. de; QUIXABEIRA, C. M. T.; DIAS, D. de Q.; LIRA, E. C.; SILVA, F. S.; DELMONDES, G. de A.; COUTINHO, H. D. Melo; BARBOSA, M. O.; LANDELL, M. F.; ALVES, R. R. N.; FERREIRA JÚNIOR, W. S. Medicinal plants and animals of an important seasonal dry forest in Brazil. **Ethnobiology And Conservation**, [S.l.], v. 9, p. 1-53, 2020. Disponível em: <https://ethnobiococonservation.com/index.php/ebc/article/view/310>. Acesso em: 12 jun. 2025.

ALBUQUERQUE, U. P. de; FERREIRA JÚNIOR, W. S.; RAMOS, M. A.; MEDEIROS, P. M. de. Introdução à etnobotânica. 3. ed. Rio de Janeiro: **Interciência**, 2022. E-book. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 05 jun. 2025.

ALBUQUERQUE, U. P. de; HANAZAKI, N.; MELO, J. G. de. Problemas e perspectivas na publicação de trabalhos em etnobiologia. *In*: ALBUQUERQUE, U. P. de; LUCENA, R. F. P. de; CUNHA, L. V. F. C. da (org.). **Métodos e técnicas na pesquisa etnobiológica e etnoecológica**. Recife: Nuppea, 2010. p. 437.

ALLEVATO, A. L.; MONTOVANI, V. Patentes, Povos Indígenas e Comunidades Tradicionais: Organização Mundial da Propriedade Intelectual (OMPI) Celebra Tratado Histórico. **Tauil & Chequer Advogados**, 2024. Disponível em: <https://www.tauilchequer.com.br/pt/insights/publications/2024/06/patents-native-people-and-traditional-communities-world-intellectual-property-organization-wipo-signs-historic-treaty>. Acesso em: 29 abr. 2025.

BARBOSA, D. de A.; LUCENA, R. F. P. de; ROCHA, F.V.; CRUZ, D. D. da. Ethnobotany and impact of extractive activity on *Sideroxylon obtusifolium* (Roem. & Schult.) TD Penn. in

a semiarid area of northeastern Brazil. **Indian Journal Of Traditional Knowledge**, [S. l.], v. 19, n. 3, p. 604-613, 2020.

BARRETO, C. G.; DRUMMOND, J. A. Com açúcar e sem afeto: a cana e a devastação da mata atlântica nordestina. In: CABRAL, D. de C.; BUSTAMANTE, A. G. (org.). **Metamorfoses florestais: culturas, ecologias e as transformações históricas da mata atlântica**. Curitiba: Editora Prismas, 2015. p. 457.

BORGES, J. S.; BAMPI, A. C.; CARNIELLO, M. A. Práticas e saberes: as várias faces que permeiam o uso de plantas na medicina popular. **Gaia Scientia**, [S.l.], v. 14, n. 3, p. 51-74, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/gaia/article/view/50874>. Acesso em: 12 jun. 2025.

CANTALICE, A. S.; MENDES, C. H T.; SIQUEIRA, J. I. A de; MATA, P. T.; SOUSA, R. da S.; FERREIRA JÚNIOR, W. S. Conceitos-chave em etnobiologia aplicada à conservação da natureza. In: ALBUQUERQUE, U. P. de (ed.). **Etnobiologia e gestão de recursos da sociobiodiversidade: conceitos, práticas e desafios**. Bauru, SP: Canal 6 Editora, 2024. p. 130.

COSTA, M. A. de S.; COSTA, M. de S.; COSTA, M. M. de S.; LIRA, M. A. T. Impactos Socioeconômicos, Ambientais e Tecnológicos Causados pela Instalação dos Parques Eólicos no Ceará. **Revista Brasileira de Meteorologia**, [S.l.], v. 34, n. 3, p. 399-411, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-7786343049>. Acesso em: 02 jun. 2025.

CREPALDI, C.; CAMPOS, J. L. de A.; ALBUQUERQUE, U. P. de.; SALES, M. F. de. Richness and ethnobotany of the family Euphorbiaceae in a tropical semiarid landscape of Northeastern Brazil. **South African Journal Of Botany**, [S.l.], v. 102, p. 157-165, 2016. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0254629915003324?via%3Dihub>. Acesso em: 02 jun. 2025.

DURÃO, H. G.; COSTA, K.; MEDEIROS, M. Etnobotânica de plantas medicinais na comunidade quilombola de Porto Alegre, Cametá, Pará, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi - Ciências Naturais**, v. 16, n. 2, p. 245-258, 2021.

FEDERAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DO RIO GRANDE DO NORTE (FEMURN). **População do RN por regiões**. 2022. Disponível em: <https://www.femurn.org.br/paginas/populacao-do-rn-por-regioes>. Acesso em: 5 jun. 2025.

FERREIRA, R. L. A.; CERQUEIRA, R. M. ; CARDOSO JUNIOR, R. C. Análise da identificação botânica em inventários florestais de planos de manejo sustentáveis no oeste paraense. **Nature And Conservation**, [S. l.], v. 13, n. 3, p. 136-145, 03 jul. 2020.

FONSECA, C. R.; ANTONGIOVANNI, M.; MATSUMOTO, M.; BERNARD, E.; VENTICINQUE, E. M. Oportunidades de conservação na Caatinga. **Ciência e Cultura**, [S.l.], v. 70, n. 4, p. 44-51, 2018.

FREITAS, C. T.; LOPES, P. F. M.; CAMPOS-SILVA, J. V. ; NOBLE, M. M.; DYBALL, Robert; PERES, Carlos A.. Co-management of culturally important species: a tool to promote

biodiversity conservation and human well :being. **People And Nature**, [S.l.], v. 2, n. 1, p. 61-81, 2019. Disponível em: <https://besjournals.onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/pan3.10064>. Acesso em: 12 jun. 2025.

HOROKOSKI, G. F.; SANTOS, A. P. dos; OLIVEIRA, M. A. de. Saberes Etnobotânicos: à beira do esquecimento ou rumo à resiliência?. **Divers@!**, [S.l.], v. 13, n. 2, p. 233-239, 2021. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/diver/article/view/76918>. Acesso em: 5 jun. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Biomass e sistema costeiro-marinho do Brasil**: compatível com a escala 1:250.000. Rio de Janeiro: IBGE, 2019. 168 p. (Relatórios metodológicos, v. 45).

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo demográfico 2022 Quilombolas**: principais características das pessoas e dos domicílios, por situação urbana ou rural do domicílio. Rio de Janeiro: IBGE, 2025a.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 2022 Indígenas**: Principais características das pessoas e dos domicílios, por situação urbana ou rural. Rio de Janeiro: IBGE, 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 2022 Unidades de Conservação**: Principais características das pessoas residentes e dos domicílios, por recortes territoriais e grupos populacionais específicos. Rio de Janeiro: IBGE, 2025b.

JACOB, M. C. M.; SILVA-MAIA, J. K. da; ALBUQUERQUE, U. P.; PEREIRA, F. de O. Culture matters: a systematic review of antioxidant potential of tree legumes in the semiarid region of Brazil and local processing techniques as a driver of bioaccessibility. **PLOS ONE**, [S.l.], v. 17, n. 3, p. e0264950, 2022. Disponível em: <https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0264950>. Acesso em: 12 jun. 2025.

LACERDA, F. F.; NEVES, F. M.; CANEL, L. X. C.; LOPES, G. M. B. Conceito de sistemas agrovoltáticos no Nordeste: uma solução de desenvolvimento ecossustentável para o Semiárido nordestino. **Revista do Departamento de Geografia**, São Paulo, v. 42, p. e189543, 2022. Disponível em: <https://revistas.usp.br/rdg/article/view/189543>. Acesso em: 30 jun. 2025.

LIMA, I.E.O.; NASCIMENTO, L.A.M.; SILVA, M.S. Comercialização de Plantas Medicinais no Município de Arapiraca-AL. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, [S.l.], v. 18, n. 2, p. 462-472, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.52521/geouece.v13i25.12797>. Acesso em: 2 jun. 2025.

LIMA, J. A. G. Conflitos e danos socioambientais na produção de energia eólica na comunidade do cumbe, Aracati, Ceará, Brasil. **Revista Geoece**, [S.l.], v. 13, n. 25, p. 1-24, 2024a. Disponível em:

<https://www.revistas.udesc.br/index.php/percursos/article/view/23734#:~:text=Este%20trabalho%20investigou%20as%20formas%20de%20uso%2C%20manejo,de%20Bonito%20de%20Minas%2C%20Norte%20de%20Minas%20Gerais..> Acesso em: 12 jun. 2025.

LIMA, L. da S. de; TEIXEIRA, R. D. B. L.; THÉ, A. P. G.; AZEVEDO, I. F. P. de. “Pela natureza, as veredas e o alimento”: etnobotânica e etnoecologia de mauritia flexuosa l. e mauritiella armata (mart.) burret em comunidades de veredas do sertão norte mineiro.

Percursos, [S.l.], v. 25, p. 1-28, 12 abr. 2024b. Disponível em:

<https://www.revistas.udesc.br/index.php/percursos/article/view/23734#:~:text=Este%20trabalho%20investigou%20as%20formas%20de%20uso%2C%20manejo,de%20Bonito%20de%20Minas%2C%20Norte%20de%20Minas%20Gerais..> Acesso em: 12 jun. 2025.

LIPORACCI, H. S. N.; HANAZAKI, N.; RITTER, M. R.; ARAÚJO, E. de L. Where are the Brazilian ethnobotanical studies in the Atlantic Forest and Caatinga? **Rodriguésia**, [S.l.], v. 68, n. 4, p. 1225-1240, 2017. Disponível em:

<http://dx.doi.org/10.1590/2175-7860201768407>. Acesso em: 2 jun. 2025.

MAPBIOMAS. **RAD2024**: Relatório Anual do Desmatamento no Brasil 2024. São Paulo: MapBiomass, 2025. 209 p.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE E MUDANÇA DO CLIMA (MMA). **Tratado histórico sobre propriedade intelectual, recursos genéticos e conhecimento tradicional é aprovado**. Brasília, DF, 24 maio 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/mma/pt-br/assuntos/noticias/tratado-historico-sobre-propriedade-intelectual-recursos-geneticos-e-conhecimento-tradicional-e-aprovado>. Acesso em: 12 jun. 2025.

NETO, E. M.F.L.; ALMEIDA, A. L. S.; PERONI, N.; CASTRO, C. C.; ALBUQUERQUE, U. P. Phenology of Spondias tuberosa Arruda (Anacardiaceae) under different landscape management regimes and a proposal for a rapid phenological diagnosis using local knowledge. **Journal Of Ethnobiology And Ethnomedicine**, [S.l.], v. 9, n. 1, p. 2-13, 2013. Disponível em: <https://ethnobiomed.biomedcentral.com/articles/10.1186/1746-4269-9-10>. Acesso em: 2 jun. 2024.

NUNES, G. M.; FERREIRA, E. da C.; SOUZA, A. dos S.; SANTOS, S. da S.; LUCENA, C. M. de; LUCENA, R. F. P. de. Comparação de métodos quantitativos etnobotânicos no estudo de plantas medicinais no semiárido da Paraíba, Nordeste do Brasil. **Revista Brasileira de Gestão Ambiental e Sustentabilidade**, [S.l.], v. 9, n. 21, p. 37-57, 2022. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ArqMudi/article/view/68012>. Acesso em: 12 jun. 2025.

PEDROSA, K. M.; ALMEIDA, H. A.; RAMOS, M. B.; BARBOZA, R. R. D.; LOPES, Sérgio Faria. Local representation of change and conservation of a Brazilian Caatinga refuge. **Biotemas**, [S.l.], v. 32, n. 3, p. 105-116, 2019.

PAGE, M. J.; MCKENZIE, J. E.; BOSSUYT, P. M.; BOUTRON, I.; HOFFMANN, T. C.; MULROW, C. D.; SHAMSEER, L.; TETZLAFF, J. M.; AKL, E. A.; BRENNAN, S. E.; CHOU, R.; GLANVILLE, J.; GRIMSHAW, J.M.; LODER, E. W., WILSON-MAYO, E.; MCDONALD, S.; MCGUINNESS, L. A.; STEWART, L. A.; THOMAS, J.; TRICCO, A. C.; WELCH, V. A.; WHITING, P.; MOHER, D. A declaração PRISMA 2020: diretriz atualizada para relatar revisões sistemáticas. **Revista Panamericana de Salud Pública**, [S.l.], v. 46, p. 1-12, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.org/pdf/rpsp/2022.v46/e112/pt>. Acesso em: 5 jun. 2025.

RODAL, M. J. N.; SAMPAIO, E. V. de S. B.; FIGUEIREDO, M. A (org.). **Manual sobre métodos de estudo florístico e fitossociológico: ecossistema caatinga**. Brasília: Sociedade Botânica Do Brasil - SBB, 2013.

SANTORO, F. R.; BRITO JÚNIOR, V. de M; RIBEIRO, A. C.; OLIVEIRA, E. S. de; SANTOS, R. A etnobiologia política no Brasil e o empoderamento de povos indígenas e comunidades locais. In: ALBUQUERQUE, U. P. de (ed.). **Etnobiologia e gestão de recursos da sociobiodiversidade: conceitos praticas e desafios**. Bauru, SP: Canal 6 Editora, 2024. p. 130.

SANTOS, E. G. dos; SANTOS, S. da S.; GONÇALVES, V. do N.; SOUZA, B. I. de; LUCENA, R. F. P. de. Utilização de recursos vegetais em áreas de quintais em uma comunidade rural localizada no entorno do Parque Nacional de Sete Cidades, Piauí, Nordeste do Brasil. **Revista Brasileira de Gestão Ambiental e Sustentabilidade**, [S.l.], v. 6, n. 13, p. 365-383, 2019. Disponível em: <https://revista.ecogestaobrasil.net/v6n13/v06n13a08.html>. Acesso em: 12 jun. 2025.

SANTOS, L. S. dos; LEMOS, J. R.; ANDRADE, I. M. de. Etnobotânica no Piauí, Brasil: panorama científico e uso da flora. **Fronteira: Journal of Social, Technological and Environmental Science**, [S.l.], v. 13, n. 2, p. 92-151, 2024b. Disponível em: <https://periodicos.unievangelica.edu.br/index.php/fronteiras/article/view/7092>. Acesso em: 5 jun. 2025.

SANTOS, L. S. dos; LEMOS, J. R.; ANDRADE, I. M. de. Flora do Piauí, Brasil: uma revisão sistemática. **Journal Of Environmental Analysis And Progress**, [S.l.], v. 9, n. 1, p. 012-023, 2024a. Disponível em: <https://www.journals.ufrpe.br/index.php/JEAP/article/view/5684>. Acesso em: 5 jun. 2025.

SGANZERLA, C. M. ; PREDEBOM, A. J. ; VELOSO, J.; CORRALO, V. da S.; ROMAN JUNIOR, W. A. Revisão integrativa aplicada a levantamentos etnobotânicos de plantas medicinais no Brasil. **Acta Ambiental Catarinense**, Chapecó, v. 19, p. 1-16, 2021. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/acta/article/view/6365>. Acesso em: 5 jun. 2025.

SILVA, F. dos S.; RAMOS, M. A.; HANAZAKI, N.; ALBUQUERQUE, U. P. Dynamics of traditional knowledge of medicinal plants in a rural community in the Brazilian semi-arid region. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v. 21, n. 3, p. 382–391, maio 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbfar/a/qX5Lw4FjHcQCvxfkjkGXMmr/>. Acesso em: 2 jun. 2025.

SILVA, F. R. da. Populações Tradicionais e Conservação. *In*: PIRATELLI, A. J.; FRANCISCO, M. R. (org.). **Conservação da Biodiversidade**: dos conceitos às ações. Rio de Janeiro: Technical Books Editora, 2013. p. 272.

SILVA, J. L. A. da; BARROS, J. D. de S.; ARAÚJO, J. T. de; MOREIRA, R. da S.; PORDEUS, A. V. Caracterização e estrutura de quintais agroflorestais na Comunidade Piranhas Velha no Município de São José de Piranhas, Estado da Paraíba, Nordeste do Brasil. **Revista Brasileira de Gestão Ambiental e Sustentabilidade**, [S.l.], v. 6, n. 14, p. 677-695, 2019. Disponível em: <https://revista.ecogestaobrasil.net/v6n14/v06n14a05a.html>. Acesso em: 12 jun. 2025.

SILVA, M.D.P.; MARINI, F.S.; MELO, R.S. Levantamento de plantas medicinais cultivadas no município de Solânea, agreste paraibano: reconhecimento e valorização do saber tradicional. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, [S.l.], v. 17, n. 4, p. 881-890, 2015a. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbpm/a/ffw7XqBxptzy3d3LLngZWcK/?lang=pt>. Acesso em: 12 jun. 2025.

SILVA, R. H. da; MARINHO, M. das G. V.; SILVA, E. da; SILVA, F. G. Etnobotânica como subsídio para conservação das espécies vegetais utilizadas no Rio Piranhas, São Bento, Paraíba. **Scientia Plena**, [S. l.], v. 11, n. 12, p. 120101, 2015b. Disponível em: <https://scientiaplenu.emnuvens.com.br/sp/article/view/2738>. Acesso em: 12 jun. 2025.

SILVA, V. A. da; NASCIMENTO, V. T. do; SOLDATI, J. G. T.; MEDEIROS, M. F. T.; ALBUQUERQUE, U. P. de. Técnicas para análise de dados etnobiológicos. *In*: ALBUQUERQUE, U. P. de; LUCENA, R. F. P. de; CUNHA, L. V. F. C. da (org.). **Métodos e técnicas na pesquisa etnobiológica e etnoecológica**. Recife: Nuppea, 2010. p. 187-206.

SILVEIRA, M. V. de S.; PESSOA, A. M. dos S.; CASTRO, E. B. de L.; SOUSA, S. B.; PEREIRA, F. R. A. Uso e diversidade de plantas medicinais no município de redenção, CE, BRASIL. **Nativa**, [S.l.], v. 10, n. 3, p. 290-295, 2022.

SOARES, D. T. N.; SFAIR, J. C.; REYES-GARCÍA, V.; BALDAUF, C. Plant Knowledge and Current Uses of Woody Flora in Three Cultural Groups of the Brazilian Semiarid Region: does culture matter? **Economic Botany**, [S.l.], v. 71, n. 4, p. 314-329, 2017. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s12231-017-9393-z#citeas>. Acesso em: 12 jun. 2025.

SOUZA, M. B. de; VITORINO, G. M.; OLIVEIRA, E. A. dos S.; CARPINI, T.; SÁ, J. L. de; SOUZA, L. F. de; MENINO, G. C. de O. Tendência dos estudos etnobotânicos no Cerrado: revisão cienciométrica. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, [S. l.], v. 21, n. 1, p. 1-7, 2019.

TAMAIIO, I. **Educação ambiental mudanças climáticas diálogo necessário num Mundo em Transição**: parâmetros e diretrizes para a política nacional de educação ambiental no contexto das mudanças climáticas causadas pela ação humana. Brasília, DF: Ministério do Meio Ambiente, 2013.

HISTÓRICO

Submetido: 30 de Julho de 2025.

Aprovado: 29 de Agosto de 2025.

Publicado: 08 de Setembro de 2025.

COMO CITAR O ARTIGO - ABNT

DIAS, M. F. L.; OLIVEIRA, L. E. M.; CAMACHO, R. G. V.; SOUZA, D. N. N. Etnobotânica no Rio Grande do Norte: revisão sistemática dos estudos. **FLOVET - Flora, Vegetação e Etnobotânica**, Cuiabá (MT), v. 3, n. 14, e2025027, 2025.